Università degli Studi di Padova

Dipartimento di Studi Linguistici e Letterari

Corso di Laurea Triennale Interclasse in
Lingue, Letterature e Mediazione culturale (LTLLM)
Classe LT-12

Tesina di Laurea

La figura del Guaranì: l'importanza della lingua e della rappresentazione letteraria nel processo di autodeterminazione e inclusione

Relatore
Prof.ssa Maria Da Graça Gomes de Pina

Laureanda
Greta Tagliaferro
n° matricola 1199951 / LTLLM

Anno Accademico 2021 / 2022

Indice

Indice 3

Introduzione 4

1. Le lingue amazzoniche 7
1.1. Breve storia delle lingue amazzoniche 7
1.2. La lingua Guaranì 10

2. Progetto di imposizione della lingua dei colonizzatori 15
2.1. La "língua Geral": il progetto religioso dei gesuiti per il controllo sulle colonie 15
2.2. La figura del marchese di Pombal e l'imposizione del portoghese 19

3. La rivalutazione letteraria 23
3.1. *O Guarani*: l'opera indianista di José de Alencar 23
3.2. Peri: la figura dell'eroe romantico 27

4. Due opere a confronto: «L'ultimo dei mohicani» e «O guarani», somiglianze e differenze 33
4.1. *The Last of the Mohicans*: il romanzo storico di J. Fenimore Cooper 33
4.2. 2.4 Confronto letterario e stilistico tra *l'Ultimo dei Mohicani* e *Il Guaranì* 37

Conclusioni 44

Bibliografia 46

Introduzione

O objetivo principal da minha tese é enfatizar a importância e a beleza de alguns povos indígenas, sobretudo o brasileiro e o norte-americano, chamando a atenção para algumas questões em particular, como a linguagem e a representação literária.

No primeiro capítulo, introduziremos o tema das línguas amazónicas, comparadas, em alguns estudos, com uma Babel, dada a diversidade das muitas famílias linguísticas.

Essas línguas, apesar de serem julgadas "línguas tribais", não são de todo simples e intuitivas, sendo, pelo contrário, muito complexas e difíceis de aprender.

Entre todas elas, acha-se a língua guarani, pertencente à família proto-tupi, um dos mais importantes acervos linguísticos brasileiros, ainda hoje falada também em outros estados da América do Sul, como a Bolívia, a Argentina e o Paraguai.

No segundo capítulo veremos como os próprios jesuítas decidem implementar uma estratégia de controle através da imposição da língua dos colonizadores. Num período inicial, os colonos que haviam atravessado a costa brasileira entraram em contato com a língua “Brasílica”, uma espécie de versão inicial que misturava o português com a língua nativa, permitindo que esses dois grupos se comunicassem entre si.

Na época, a educação estava nas mãos da Companhia de Jesus, que ganhou muito poder dentro do território graças a esse monopólio.

O grupo religioso atingiu o seu auge, em 1686, quando o Regimento das Missões entregou aos jesuítas o poder temporal e espiritual sobre os índios. Os religiosos, a fim de controlar melhor os nativos, decidiram agrupá-los em aldeias, localizadas perto das vilas dos colonos, para incentivar o contato entre esses dois grupos étnicos, mas o objetivo principal era explorar adultos no mercado de trabalho e alfabetizar e evangelizar as crianças.

Tornando-se a Língua Geral língua de comunicação interna da colónia, a Coroa Portuguesa viu-se forçada a tomar medidas que pudessem reduzir este monopólio que anteriormente tinha concedido aos religiosos.

Apesar da reorganização dos territórios e das duras punições contra aqueles que foram descobertos a falar uma língua diferente do português, a resistência silenciosa mas granítica dos nativos forçou os colonos a abandonar este ambicioso projeto.

A partir do terceiro capítulo começaremos a ilustrar como essa resistência e esse apego ao território e às tradições é trabalhado por ilustres escritores e relatado nas suas obras, onde o índio se torna o herói da história.

A intenção era criar novos heróis para os brasileiros pois que em 7 de setembro de 1822 o Brasil se tornara independente de Portugal. Daí a necessidade de produzir novas obras que criassem referências identitárias nacionais.

A obra mais famosa de José de Alencar, *O Guarani*, é o primeiro romance de fronteira brasileiro em que a figura do indígena no contexto natural da Amazônia é descrita em comparação com figuras que lhe são opostas, como Don António e sua filha Cecília, chamado pelo índio Ceci, que em guarani significa "dor".

Através de uma intrincada série de eventos, o leitor verá como o índio supera diferentes adversidades e como, eventualmente, estará disposto a se sacrificar pelos valores em que acredita.

O brasileiro nativo não é o único exemplo de personagem-herói que se integra no grupo de colonizadores e assume o papel de modelo.

No quarto capítulo veremos quantos pontos de encontro podemos encontrar se compararmos o trabalho de Alencar com a obra de James Fenimore Cooper, *The Last of the Mohicans.*

Neste romance há muitos pontos de contato que podemos identificar com a obra de Alencar, tanto relativamente aos personagens, quanto às descrições da natureza e do estilo dos dois autores.

Muito interessante se demonstrará ser a conceção da língua e o compromisso que ambos os autores fazem para tornar essas diferenças percetíveis através dos diálogos entre os vários personagens envolvidos. A linguagem de Uncas, protagonista de *O Último dos Moicanos*, é uma reminiscência de um sábio chefe indiano, enquanto a de Peri, personagem de *O Guarani,* é frequentemente comparada à de uma criança pela sua simplicidade, mas ao mesmo tempo é sinônimo de pureza, um valor quase desconhecido na sociedade ocidental descrita.

Para concluir veremos como, de certa forma, alguns aspetos da figura de Peri podem ser considerados próximos aos do Hawkeye, um homem ocidental que vive há anos na floresta com os Moicanos.

1

LE LINGUE AMAZZONICHE

1.1 Breve storia delle lingue amazzoniche

> Na antiga Babel houve setenta e duas línguas; na Babel do rio das Amazonas já se conhecem mais de cento e cinquenta, tão diversas entre si como a nossa e a grega; e assim quando lá chegamos, todos nós somos mudos, e todos eles surdos. Vede agora quanto estudo e quanto trabalho será necessário para que estes mudos falem e estes surdos ouçam[1].

La Pan-Amazzonia è un territorio vastissimo, tanto da coprire il 44,5% dell'America del Sud. All'interno dei suoi 7.275.300 km^2 vengono parlate più di 240 lingue, appartenenti a loro volta a 52 diverse famiglie linguistiche. Questi numeri contribuiscono a renderla la regione con la maggiore densità linguistica del continente americano.

Le comunità linguistiche presenti non sono molto numerose, nessuna di queste infatti possiede più di quaranta mila parlanti, una cinquantina di queste vengono usate da meno di cento persone e altre nove da solamente venti parlanti [2].

La prima lista nella quale vennero catalogate le diverse lingue indigene venne stilata nel 1639 dal gesuita spagnolo Cristobal de Acuña. Il religioso, grazie all'aiuto di interpreti indigeni, durante la spedizione di Pedro de Teixeira attraversò l'Amazzonia dalle Ande fino all'Oceano Atlantico[3].

---

[1] Padre António Vieira, *Sermão da epifania, apud* J. Ribamar Bessa Freire, *Rio Babel A história das línguas na Amazônia*, Rio de Janeiro, Ed Uerj, 2011, p.48.

[2] J. Ribamar Bessa Freire, *Rio Babel A história das línguas na Amazônia*, cit., p. 48.

[3] Ivi, pp. 50-51.

Il motivo che spinse i colonizzatori a voler approfondire questa conoscenza fu di natura prevalentemente politico-strategica, non scientifica come si voleva far pensare.

Durante i secoli XVI e XVII, periodo delle grandi esplorazioni europee verso i nuovi territori dell'America meridionale, la grande diversificazione linguistica rendeva difficile la comunicazione tra i colonizzatori portoghesi e spagnoli e le popolazioni locali.

Gli studi delle lingue amazzoniche del secolo XX si fondano sulla teoria che le prime tracce di Tupì-Guaranì siano originarie della regione compresa tra Paraná e Paraguay e che solo successivamente, a causa di tre principali correnti migratorie, questa lingua si sia espansa e diversificata all'interno del territorio.

Il linguista Rivet[4] teorizza che la prima corrente migratoria sia partita dalla costa Atlantica, procedendo poi per la zona costiera del Brasile, virando per l'entroterra e percorrendo il Rio delle Amazzoni fino alla foce. Questa migrazione avrebbe portato alla formazione di cinque gruppi linguistici principali.

Il primo gruppo era formato dalle lingue Amanajé, Ararandewara, Anambés, Tembé, Pakajá, Anta e Jacundá. I suoi parlanti erano situati in prevalenza nella parte meridionale dell'Amazzonia.

Altro gruppo individuato fu quello delle lingue Juruna, Xipaya e Manitsawá, dette anche *Tupi-Guarani do Xingu*, nome di un affluente di destra del Rio delle Amazzoni.
Il terzo gruppo era formato dai popoli della baia di Madeira, come Parintintin, Kawahib, Rama-Rama e Yntogapid.

Nella zona più occidentale trovò invece Omágwa, Kokáma, Kokamilla e Jurimágwa.

Il quinto ed ultimo gruppo era situato invece nella zona di Mina Gerais, diviso in Tapirapé, Guajajara e Canoeiros.

Una seconda corrente migratoria sarebbe invece partita dal Paraguay, per insediarsi successivamente nel bacino di Tapajós, un affluente di destra del Rio delle Amazzoni. Il gruppo migrante era quello degli Apiaká, a loro volta relazionati con Munduruku e Mawé.

La terza e ultima corrente migratoria sarebbe a sua volta partita dal Paraguay, arrivando poi nello Chaco, una vasta regione interna dell'America Meridionale, situata

[4] A.S.A.C. Cabral, A.M.S. Martins, B.C.C. da Silva, S.C.S. de Oliveira, *A linguística histórica das línguas indígenas do Brasil, por Aryon Dall'Igna Rodrigues: perspectivas, modelos teóricos e achados*, Scielo Brasil, Delta, 2014, p. 520.

all'altezza del Tropico del Capricorno. Sarebbe rappresentata dai Chiriguáno, Tapiéte, Guaráyo, Sirionó e Pauserna[5].

Un importante e rivoluzionario contributo allo studio delle lingue amazzoniche lo riceviamo dal linguista brasiliano Aryon Dall'Igna Rodrigues, che fornì un approccio innovativo allo studio di queste lingue, occupandosi della loro classificazione genetica e dei gradi di affinità, svolgendo un importante lavoro di ricostruzione delle parti proto-linguistiche, degli aspetti culturali della preistoria dei rispettivi parlanti e di un'elaborazione diagnostica dell'evoluzione storica della lingua.

Gli studi linguistici nel Brasile di quegli anni erano molto pochi e incompleti, ma Rodrigues contribuì con un interessante studio sull'esistenza di un tronco linguistico Tupì-Guaranì, i quali antenati più antichi sarebbero stati il Tupì Antico e il Guaranì Antico. Sarà proprio lui a fornirci una prima definizione ufficiale:

> O Proto-Tupí-Guaraní ou Tupí-Guaraní comum é a língua que falava um tronco tribal que, vários séculos antes da chegada de Colombo ao continente americano, estava estabelecido na região que fica entre os rios Paraná e Paraguai; é "um estado linguístico homogêneo ou mais ou menos tal; é a primeira estratificação, a qual comporta particularidades linguísticas entrevistas antes da época histórica, i.e., antes dos fracionamentos dialetais", na definição do ilustrado linguista patrício Prof. Mansur Guérios, que é o introdutor dos nomes Proto-Tupí-Guaraní, Proto-Tupí e Proto-Guaraní, ou Tupí-Guaraní comum, etc., na glotologia americana[6].

Gli studi storico-comparativi di Rodrigues ci consegnano una lettura diversa rispetto a quella classica basata sulla posizione geografica. Come abbiamo visto in precedenza, le teorie linguistiche di quegli anni consideravano le lingue amazzoniche come divise in cinque gruppi principali, uno di questi il Tupì-Guaranì. Altri studiosi come Mason e McQuown dicevano invece che il Tupì-Guaranì possedesse due rami principali e tutte le altre lingue diventassero/fossero da considerarsi ulteriori ramificazioni di uno o dell'altro.

Nell'opera *As línguas impuras da Família Tupí-Guaraní*, presentata e pubblicata nel 1955 durante il trentaduesimo Congresso Internazionale degli Americanisti di São Paulo, Rodrigues consolida la sua ipotesi sulla necessità di vedere il Tupì-Guaranì non

[5] A.S.A.C. Cabral *et alii*, *A linguística histórica das línguas indígenas do Brasil*, cit., p. 521.
[6] Ivi, p. 517.

come un tronco a sé, ma come uno dei sette tronchi del Tupì, che a sua volta comprende al suo interno Antico e Moderno Guaranì. Gli altri sei tronchi sono Yuruna, Arikem, Tuparí, Ramarama, Mondé e Puruborá[7].

1.2 La lingua Guaranì

Un gran numero di lingue indigene è scomparso a seguito delle colonizzazioni, molte di quelle restanti vengono considerate *moribundas*[8], perché parlate solamente dalle figure più anziane e non vengono insegnate ai bambini. Ma tra tutte le lingue indigene brasiliane, ce n'è una notevolmente resiliente: il Guaranì (avañe'ẽ).

Questa lingua non è solamente parlata dalle popolazioni indigene Brasiliane, anche in Bolivia, Argentina e Paraguay da persone non discendenti direttamente dagli *indios*. In quest'ultimo stato viene considerata una delle due lingue ufficiali, assieme allo spagnolo e tutt'ora la variante paraguaiana vanta il primato di forma guaranì più diffusa, con i suoi 7 milioni di parlanti.

Il guaranì è originario del proto-tupì, la lingua da cui tutte le lingue tupì sono nate, originaria dal bacino del fiume Madeira, nella regione brasiliana della Rondônia[9].

Quando nel 1537 la città di Asunción venne occupata dagli spagnoli, solamente pochi coloni decisero di migrare lì. Data la posizione isolata e la scarsità di risorse naturali, erano in maggioranza giovani uomini coloro che decisero di andare a vivere in questa città. In mancanza di donne spagnole, la maggioranza dei matrimoni erano misti, dando vita così a famiglie con bambini bilingue.

Questo fatto contribuì a mantenere viva la lingua, anche se un grande lavoro di documentazione e descrizione viene dai missionari gesuiti.

Il guaranì in origine era una lingua solamente parlata, motivo per cui tutte le opere scritte in guaranì sono successive alla colonizzazione portoghese e spagnola.

La compagnia di Gesù creò anche degli insediamenti per i nativi, nei quali veniva promesso loro di poter operare in autonomia e libertà, anche se sappiamo perfettamente che l'obiettivo principale del dominio colonialista era la conversione al cattolicesimo e allo stile di vita europeo.

---

[7] A.S.A.C. Cabral *et alii*, *A linguística histórica das línguas indígenas do Brasil*, cit., pp. 520-529.
[8] J. Ribamar Bessa Freire, *Rio Babel,* cit., p. 48.
[9] Langfocus, *The Guarani Language,* caricato su YouTube 20 agosto 2021, www.youtube.com/watch?v=KasZVQ8YMq4, data di visionamento 13 marzo 2022.

C'era però un interesse particolare nel voler comunicare con queste popolazioni imparando la loro lingua, studiandola e ricavandone una forma "standard", in grado di essere decifrata sviluppando un sistema di scrittura, dizionari e grammatiche.

Al giorno d'oggi, è più comune sentir parlare il guaranì in due sue varianti, chiamate *Jopara* e *Jehe'a.*

Jopara significa "mistura"; infatti si tratta di un guaranì con la presenza di elementi della grammatica spagnola. L'altra variazione, lo *Jehe'a*, consiste in un guaranì con l'integrazione di prestiti lessicali spagnoli.

Per quanto riguarda il suo alfabeto, invece, il guaranì si basa sull'ortografia latina, con l'aggiunta però di alcuni caratteri speciali:

a, ã, ch, e, ẽ, f, g, g̃, h, i, ĩ, j, k, l, m, mb, n, nd, ng, nt, ñ, o, õ, p, r, s, t, u, ũ, v, y, ỹ

Tutte le sillabe presentano almeno una vocale (vocale singola, consonante con vocale, dittonghi), non esistono sillabe che terminano in consonante nella lingua guaranì.

Assistendo alla conversazione tra parlanti guaranì, ci renderemmo conto che l'armonia di questa lingua è basata sui suoni nasali: ogni vocale nasale cambia il suono delle consonanti attorno a sé, passandole da orali a nasali. Anche certi prefissi, come ad esempio *ja,* che corrisponde al nostro "noi", diventa *ña* davanti a suoni nasali.

Joseph Greenberg[10], linguista e antropologo statunitense considerato il fondatore della tipologia linguistica, noto per diversi lavori sulle lingue africane e amerinde, in un suo studio risalente al 1963 dimostrò una caratteristica peculiare del guaranì. Tutte le lingue fino ad oggi dichiarate e confermate come sostenitrici del sistema OVS e OSV, i più rari in assoluto, sono, secondo la sua teoria, situate nell'area amazzonica. Questo particolare sistema, che vede il complemento oggetto in posizione iniziale, è molto raro e complesso da individuare[11].

Per dichiarare che una lingua segue il sistema OVS/OSV è innanzitutto necessario identificare il cosiddetto ordine base, la forma fissa dal quale si andranno poi a identificare le diverse variazioni. Compiere questa operazione in lingue come il guaranì è molto

[10] J. Greenberg, *Some Universals of Grammar with Particular Reference to the Order of Meaningful Elements. In Joseph Greenberg, Universals of Language*, London, MIT Press, 1963.

[11] D.C. Derbyshire, *Morphosyntactic Areal Characteristics of Amazonian Languages,* "International Journal of American Linguistics" 53:3(1987), p. 311.

difficile in quanto l'ordine delle parole è molto flessibile; andando poi a cercare il soggetto e il complemento oggetto ci troviamo davanti ad un'ulteriore difficoltà, in quanto questa lingua è agglutinante, cioè al posto di vere e proprie parole, soggetti e complementi oggetti compresi, troviamo multipli suffissi e prefissi[12].

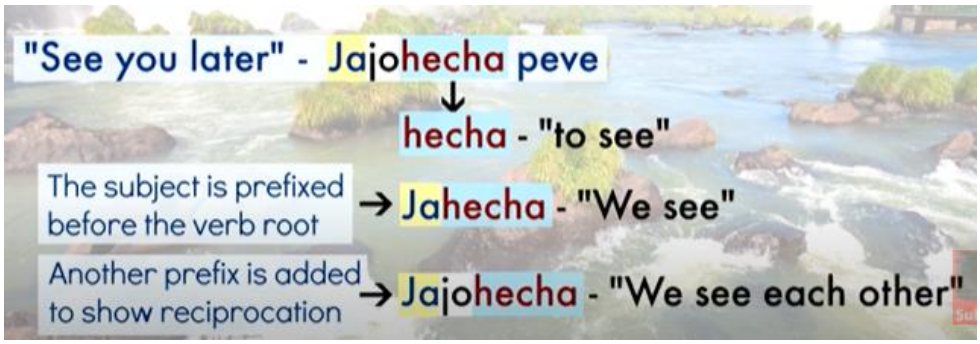

Figura 1: proprietà agglutinante della lingua, Langfocus

Dopo Greenberg, altri linguisti come Derbyshire e Pullum[13] cercarono di trovare ulteriori prove a favore di questa teoria. Nonostante i numerosi passi avanti, il guaranì continua ad essere una lingua difficile da studiare, piena di eccezioni e particolarità.

Dal diciannovesimo secolo, quando si registrarono i primi studi filologici su queste lingue, nacque una questione che ancora oggi risulta essere un dibattito aperto: vista la difficoltà nel comprendere ed analizzare questa lingua, gli scrittori missionari sono da considerarsi testimoni attendibili? La "língua Geral" è realmente frutto dello studio e della rielaborazione delle lingue locali?

Da questa domanda sorsero due correnti interpretative. La prima corrente sostiene il predominio della continuità tra le due strutture linguistiche, mentre la seconda sostiene che i gesuiti abbiano attribuito al tupì precoloniale una struttura simile alle lingue di riferimento occidentali, come il latino, in questo modo ci sarebbe un abisso tra le due[14].

Ciò che invece non lascia dubbi è che l'interesse reale che si celava dietro questi studi era di fatto la cancellazione degli usi e costumi dei popoli amazzonici, con l'obiettivo di sopprimere ogni forma di resistenza e formare nuovi coloni che potessero

---

[12] Langfocus, *The Guarani Language*, caricato su YouTube 20 agosto 2021, www.youtube.com/watch?v=KasZVQ8YMq4, data di visionamento 13 marzo 2022.

[13] D.C. Derbyshire, *Morphosyntactic Areal Characteristics of Amazonian Languages*, cit., pp. 313-317.

[14] J. Martins Ramos, R. Pinto Venâncio, *Abismo ou continuidades? Polêmicas sobre o tupi pré-colonial e a língua geral disseminada pelos jesuítas,* "História, Ciências, Saúde-Manguinhos" 12:2(2005) p. 581.

venire considerati legittimi proprietari della terra, fossero essi portoghesi mescolati con i nativi o questi ultimi convertiti alla cultura e alla religione europea.

La lingua unica fu una delle spinte più importanti per interferire con l'identità degli *indios* e il tentativo di trasformarli in portoghesi, comprovando così l'effettiva occupazione lusitana delle terre brasiliane contro l'impero spagnolo, che a sua volta si stava muovendo nei territori circostanti.

Si vedrà infatti, nel prossimo capitolo, come la lingua verrà manipolata e monopolizzata dalla compagnia religiosa dei gesuiti come strumento sia di avvicinamento con le popolazioni locali ma, e soprattutto, come strumento di imposizione e controllo.

2

PROGETTO DI IMPOSIZIONE DELLA LINGUA DEI COLONIZZATORI

2.1 La "língua Geral": il progetto religioso dei gesuiti per il controllo sulle colonie

Per facilitare il processo di colonizzazione, la lingua di comunicazione interna in Amazzonia fino ai primi decenni del XIX secolo fu senza dubbio la *Língua Geral Amazónica (LGA).*

> No caso específico da Amazónia brasileira, a documentação histórica contém evidências que apontam a língua geral amazónica (LGA) como a língua em que brancos, índios, negros e todo o tipo de mestiços desenvolveram a maioria de suas práticas sociais e utilizaram como principal meio de interação, sobretudo no período colonial[15].

La *língua Geral*, chiamata anche *Nheengatu*, è tutt'ora parlata nella regione di Rio Negro, dove i locali la definiscono la lingua degli *indios*, anche se in realtà solo in parte questa affermazione può essere considerata veritiera.

La denominazione LGA risale ai primi anni del 1600, quando i primi missionari portoghesi arrivarono a Pará, sulle coste brasiliane. Questi erano già entrati in contatto con un'altra lingua, chiamata *Brasílica*[16], la quale veniva usata a partire dal XVI secolo nella catechesi all'interno del territorio litorale brasiliano. Proprio tramite questa lingua, che possiamo definire come antenata della LGA, era stata possibile la mediazione e l'instaurazione di un buon livello di comunicazione tra i portoghesi e le popolazioni

[15] J. Ribamar Bessa Freire, *Rio Babel*, cit., p. 47.
[16] Ivi, pp. 47-48.

locali, i quali parlavano una varietà linguistica simile alla lingua Brasilica, il Tupinambá, originario delle coste di Salgado e usato in tutto il territorio fino alla foce del fiume Tocantins.

La lingua Brasilica si era rivelata quindi una conoscenza fondamentale da acquisire per essere compresi all'interno del territorio amazzonico, tanto che col passare degli anni nacque l'esigenza di creare delle opere, come grammatiche e dizionari, per aiutare anche i nuovi coloni nella comunicazione con i locali.

In realtà tutto questo apparente desiderio di comunicazione e mediazione e questo interesse per lo studio delle lingue locali, caratteristica peculiare della colonizzazione portoghese, non deve far pensare che da parte dei conquistatori ci fosse uno scopo diverso rispetto all'evangelizzazione e al controllo delle nuove terre. Questo fascino e questo interessamento per le lingue indigene erano relativi, come si può intendere anche dalle cronache del tempo.

Tra i tanti esempi ricordiamo le parole del medico Alfredo Augusto da Matta, operante nel territorio di Bahia. Egli, infatti, pubblicò nella rivista dell'Istituto Geografico e Storico dell'Amazzonia un articolo che declassava le lingue indigene a "dialetti contorti, imperfetti, mal elaborati, poveri, ineleganti, confusi e incapaci di esprimere concetti universali"[17].

Molte furono le opere scritte per l'apprendimento di questa nuova lingua, una fra le tante fu quella di Padre Luiz Figueira, *Arte de Gramática da Língua Brasílica*. Questo documento presenta nella sua prefazione un commento dell'autore, il quale fa chiaramente intendere che questa lingua non era studiata con lo stesso interesse con il quale venivano studiate in Europa lingue come il latino o il greco. Come possiamo vedere nella figura 2, l'autore sembra quasi scusarsi con il lettore e mettere le mani avanti per evitare che quest'ultimo si crei aspettative troppo alte che potrebbero rimanere deluse da ciò che leggerà. Lo stesso Padre Luiz Figueira definisce la lingua dei suoi studi come una lingua senz'arte, senza un importante bagaglio storico che possa darle importanza.

[17] J. Ribamar Bessa Freire, *Da língua geral ao português: para uma história dos usos sociais das línguas na Amazônia*, Rio de Janeiro, Uerj, 2003, p.29: "embrulhados, imperfeitos, mal elaborados, pobres, deselegantes, confusos, incapazes de exprimir idéias universais" (la traduzione citata nel testo è mia).

Não é facil, pio lector, aos que aprendem alguma lingua estrangeira, de idade já crecida, alcançar todos os segredos, e delicadezas della; principalmente não havendo arte, nem mestres, que por arte a ensinem. E por estas razões se podem desculpar as faltas, que nesta obrasinha se acharem.

O gosto, e desejo, que sempre tive de saber esta lingua, para ajudar a estes pobres Brasis; e a falta, que havia de arte, para ella se aprender, me obrigárão a querel-a saber, e aprender de raiz por fundamentos, e regras, que busquei, consultando-as, e dando-as a examinar a Indios naturaes, e a Padres grandes linguas, nascidos e criados entre os mesmos Indios do Brasil. E

Figura 2: Padre Luiz Figueira, Arte de Gramática da Língua Brasílica

Grazie a questi sforzi e al mezzo di comunicazione che si era creato, i portoghesi riuscirono pian piano ad insediarsi in questi nuovi territori e ad imporre il loro stile di vita, cercando allo stesso tempo di integrare le comunità locali. È proprio in questo periodo, infatti, che inizia ad emergere il progetto religioso della Compagnia di Gesù.

Gli *indios* in quegli anni venivano concentrati nelle *Aldeias de Repartição*[18], degli spazi delimitati dentro ai quali sorgevano dei villaggi di nativi. Al loro interno veniva promessa agli *indios* un'apparente autonomia e libertà, anche se lo scopo principale di queste aldeias (e cioè villaggi) era quello di incentivare il contatto con i portoghesi, poter studiare più da vicino questi popoli, alfabetizzando ed evangelizzando i più giovani e sfruttando come manodopera gli adulti.

Nel 1686, il *Regimento das Missões*, strumento giuridico portoghese sotto il controllo della Corona, consegnò ufficialmente agli ordini religiosi, primo fra tutti quello gesuita, il potere temporale e spirituale sugli *indios*[19].

[18] J. Ribamar Bessa Freire, *Da língua geral ao português*, cit., p.102.

[19] M.C. Drumond Mendes Barros, *A política de estandardização da língua geral na Amazônia no período colonial*, "Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana", 1:3(2004), p.34.

Da questo momento in poi le *aldeias* cominciarono ad essere riempite di *indios* provenienti da diverse famiglie linguistiche, non più solo Tupinambá, in quanto i religiosi erano autorizzati a raggruppare e mescolare tra loro diversi gruppi indigeni qualora la popolazione di un'*aldeia* fosse ridotta.

Fu proprio in questa situazione che fece nascere l'esigenza di creare la *Língua Geral Amazónica*, una lingua *supraétnica*[20] universalmente parlata nella colonia, creata dalla rielaborazione del Tupinambà e della lingua Brasilica, considerate le lingue più usate nel territorio della costa brasiliana, prendendo però in considerazione anche le particolarità di altre famiglie linguistiche. Sarà quindi ritenuta la nuova lingua franca, riconosciuta e usata da tutti i diversi gruppi etnici che erano stati integrati con la forza nel sistema coloniale portoghese[21].

Come visto in precedenza per la *língua Brasílica*, anche in questo caso furono diversi i testi creati per il suo apprendimento, ma dal momento che la maggior parte della popolazione era illetterata e analfabeta, fondamentale fu il ruolo degli interpreti. Questi non erano solo destinati ad insegnare la nuova lingua ai nativi, ma erano di vitale importanza anche per i coloni portoghesi analfabeti che cercavano fortuna oltremare. Gli interpreti si occupavano di trasmettere oralmente i testi scritti attraverso la pratica della lettura pubblica nelle piazze dei villaggi[22]. Nel giro di pochi anni venne normalizzata anche un'apposita grammatica, che portò i diversi segmenti sociali a non usare questa lingua nel quotidiano.

Il linguista lussemburghese Jean-Claude Muller ha recentemente ritrovato un dizionario anonimo gesuitico in *Língua Geral* nella Biblioteca e Archivio Municipale di Trier, in Germania. Questo documento, datato 1756, presenta numerose note dell'autore in tre diverse lingue, latino, portoghese e tedesco antico. All'interno dell'opera non si trovano solamente le definizioni dei vari termini, ma anche numerosi riferimenti alla religione, al catechismo, ai gruppi indigeni amazzonici e varie sfaccettature dell'esperienza del missionario[23].

---

[20] J. Ribamar Bessa Freire, *Da língua geral ao português*, cit., pp. 51-52.

[21] G. de Cássio Pinheiro Prudente, *Ler e copiar, ouvir e registrar: um dicionário jesuítico como instrumento de aprendizado da língua geral na Amazónia setecentista,* "Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi", 10:3 (2015), p.643.

[22] M.C. Drumond Mendes Barros, *A política de estandardização da língua geral*, cit., p.24.

[23] G. de Cássio Pinheiro Prudente, *Ler e copiar, ouvir e registrar,* cit., p.642.

Grazie agli sforzi dei gesuiti, il *Nheengatu* acquisì popolarità e divenne nel giro di pochi anni la lingua per eccellenza dei coloni dell'Amazzonia.

Questo creò dei seri problemi al governo portoghese, che dovette ricorrere all'appoggio di intermediari per poter comunicare con i suoi stessi sudditi d'oltremare. Gli intermediari in questo caso erano proprio i missionari, prevalentemente gesuiti, che si ritrovarono tra le mani un potere non indifferente: il pieno controllo delle forze lavoro, il monopolio della produzione e il monopolio di buona parte dei servizi all'interno della colonia[24].

Fu in questo periodo che si distinse la figura del marchese di Pombal, il quale riconosceva l'importanza della colonia brasiliana come risorsa finanziaria chiave al fine di diminuire la dipendenza economica dalle materie prime originarie dell'Inghilterra[25].

Il suo progetto di rinnovamento, basato sul dispotismo illuminato, mirava a trasformare il Portogallo in uno stato al passo con le grandi potenze europee, sia dal punto di vista economico che da quello politico. Per fare ciò, vedremo ora quali furono le riforme e manovre economiche che vennero messe in atto al fine di riottenere il pieno controllo del territorio amazzonico.

2.2 La figura del marchese di Pombal e l'imposizione del portoghese

La *Língua Geral Amazónica* rimase la lingua di comunicazione interna nella colonia durante tutto il periodo coloniale, fino ai primi decenni del XIX secolo. In questo arco di tempo svolse tutte le funzioni basiche esercitate tradizionalmente da una lingua in una data comunità, rallentando il processo egemonico della lingua lusitana.

Il governo portoghese cercò di ridimensionarne e limitarne l'uso nei villaggi e nelle aldeias, ma nonostante le numerose leggi varate e le restrizioni imposte, la sua espansione continuava attraverso tutta la colonia. Questa situazione spinse la Corona a adottare misure ancora più severe, tanto che il 3 maggio 1757 il Regimento das Missões, che era stato dato in mano alla classe religiosa, venne sostituito dal Direttorio[26], con l'obiettivo

[24] E. Frühauf Garcia, *O projeto pombalino de imposição da língua portuguesa aos índios e a sua aplicação na América meridional*, "Dossiê: Os índios na História: abordagens interdisciplinares", 12:23(2007), p.26.

[25] G. de Cássio Pinheiro Prudente, *Ler e copiar, ouvir e registrar,* cit., p.645.

[26] J. Ribamar Bessa Freire, *Da língua geral ao português*, cit., p. 107.

di ufficializzare la lingua portoghese trasformandola nella lingua di comunicazione interna di tutti gli abitanti, fossero questi portoghesi, meticci oppure *indios*.

Il governatore a capo del Direttorio, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, ordinò l'espulsione dei gesuiti, spiegando che era sua intenzione "liberare" gli *indios* dal controllo missionario, passandoli così a vassalli del re.

Durante la metà del diciottesimo secolo, il ministro Sebastião José de Carvalho, futuro marchese di Pombal, adottò a sua volta numerose iniziative con l'apparente obiettivo di porre fine alla discriminazione tra *indios* e società portoghese, incoraggiando il cosiddetto meticciato, vale a dire la mescolanza biologica.

La motivazione che veniva data era che i figli nati da questo tipo di unioni erano da considerarsi più adatti ad occupare cariche amministrative, rispetto ai figli di portoghesi emigrati. Per rimarcare ulteriormente l'importanza e sottolineare questa volontà di elevare la condizione dei brasiliani, venne proibito il termine "negro de terra", in quanto li metteva allo stesso livello degli schiavi africani[27].

Vennero adoperate numerose riforme per la rivalutazione del portoghese, ad esempio vennero ribattezzate le aldeias con nomi di metropoli portoghesi, come Tapajós che divenne Santarém, o Pauxis che divenne Óbidos. Si cercò inoltre di stimolare la migrazione nelle colonie con la concessione gratuita di terre e strumenti agricoli. Per alterare il quadro demografico, vennero inoltre promessi privilegi aggiuntivi a tutti coloro che si sarebbero sposati con donne indigene[28].

Nel 1762 venne fondata *l'Aldeia de Nossa Senhora dos Anjos*, il villaggio più grande e importante dell'epoca, situata nella regione di Rio Grande.

In questo territorio la legislazione pombalina venne applicata con più rigore, tanto che al suo interno vennero fondati due stabilimenti chiave, vale a dire una scuola dove venivano mandati i bambini e un *recolhimento,* una sorta di collegio, dove venivano mandate invece le bambine. Queste istituzioni accoglievano i figli degli *indios* che andavano da un'età minima di sei anni, ad una massima di dodici.

L'educazione maschile era molto simile a quella dei giovani in Europa: le giornate erano scandite in attività ben precise che li tenevano occupati sia durante la mattinata che nel pomeriggio. Solitamente la mattina veniva dedicata allo studio in classe del

[27] E. Frühauf Garcia, *O projeto pombalino de imposição da língua portuguesa aos índios e a sua aplicação na América meridional*, cit., p.27.

[28] J. Ribamar Bessa Freire, *Da língua geral ao português*, cit., p. 108.

portoghese, alle lezioni di lettura e argomentazione e alla preghiera. Anche alle bambine venivano insegnate la lingua e la preghiera, ma una buona parte delle loro lezioni consisteva nell'apprendimento dei lavori domestici, delle buone maniere, nell'igiene personale e nella creazione del corredo nuziale[29]. Dopo il pranzo veniva dedicato del tempo al riposo e successivamente si ritornava alle classi fino al tardo pomeriggio.

Tutti gli alunni venivano responsabilizzati e si facevano carico a rotazione del mantenimento degli ambienti e della cucina. Veniva loro concesso di vedere i familiari solo una volta a settimana, da mezzogiorno alle due del pomeriggio, con i quali dovevano obbligatoriamente parlare in portoghese. Qualora venissero sorpresi a comunicare in guaranì venivano puniti severamente.

Nonostante l'apparente organizzazione minuziosa e le numerose riforme messe in atto, non si tenne in considerazione l'enorme quantità di *indios* e la vastità del territorio coloniale. L'imposizione di una lingua che doveva essere imparata da zero era un progetto troppo ambizioso nonostante questi bambini venissero indottrinati già in tenera età. La maggior parte di loro aveva imparato e assimilato il guaranì prima di frequentare scuole e *recolhimentos*, in quanto viveva con anziani che non sapevano parlare portoghese e nemmeno dimostravano interesse nell'apprenderlo. I numerosi fondi stanziati non eran poi, comunque, sufficienti a garantire la presenza di un professore portoghese in ognuna delle numerose scuole, tanto che solo in quelle principali arrivarono effettivamente insegnanti competenti, mentre molte altre *aldeias* più piccole addirittura non ne ebbero mai uno.

Altro fattore che boicottò l'imposizione del portoghese fu il fatto che l'educazione che veniva fornita era estremamente superficiale, in quanto non appena questi bambini dimostravano di essere in grado di leggere, scrivere e pregare in un portoghese base accettabile, venivano spinti ad abbandonare il collegio, per far spazio ai numerosi nuovi studenti.

L'unico vero risultato che questo progetto politico aggressivo ottenne fu quello di far scaturire un sentimento opposto nei popoli indigeni, che decideranno di imporsi duramente alle riforme del progetto pombalino.

---

[29] E. Frühauf Garcia, *O projeto pombalino de imposição da língua portuguesa aos índios*, cit., p.28-30.

Questa continua repressione porterà i nativi a vedere la loro lingua nativa come un elemento distintivo dell'identità del loro popolo, qualcosa da preservare e portare avanti con onore. La forza con cui gli *indios* combatterono per mantenere i loro territori e per far valere i loro diritti colpì così tanto i letterati del tempo che, come si vedrà nel capitolo seguente, decideranno di rendere proprio queste figure i protagonisti dei loro romanzi, sia per l'interesse generale del pubblico verso l'esotico, sia perché erano coloro che meglio di chiunque altro rappresentavano i valori di lealtà e amore nei confronti della propria nazione.

3

RIVALUTAZIONE LETTERARIA

3.1 *O Guarani*: l'opera indianista di José de Alencar

Negli stessi anni in cui l'Europa cominciava a conoscere i valori del Romanticismo, anche in Brasile si iniziava a percepire aria di cambiamento. Le nozioni di spirito del popolo, anima collettiva e linguaggio comune, soprattutto dopo l'ottenimento dell'indipendenza il 7 settembre 1822, portarono i brasiliani a voler segnare le distanze e sottolineare le differenze dal Portogallo, sia nel campo della lingua che in quello della letteratura[30].

Figura 3: Ferdinand Bellermann, Native Guaraní with Bow and Arrow

Da ciò nasce l'esigenza di produrre nuove opere che, già a partire dal titolo, esaltino le tematiche nazionali. Tra le prime per importanza tra queste tematiche si trova la lingua, la quale verrà innalzata come un vero e proprio manifesto, un tema particolarmente caro al popolo brasiliano, tanto da portare la questione all'ordine del giorno di pensatori e scrittori locali.

[30] J. Ribamar Bessa Freire, *Da língua geral ao português*, cit., pag.45.

Furono proprio questi ultimi che iniziarono a scrivere delle opere che, già a partire dal titolo, esaltassero le tematiche nazionali – compendi, grammatiche, vocabolari – con un'attenzione particolare ai riferimenti identitari nazionali.

Tra questi scrittori illustri, spicca la figura di José de Alencar, giornalista e importante figura politica durante il governo di D. Pedro II. È proprio ad Alencar e alle sue opere che verrà attribuito il merito di aver svolto un ruolo chiave nel processo di autodeterminazione del popolo amazzonico. Lo scrittore, seguendo come linee guida le mode europee e l'interesse del pubblico nei confronti dell'esotico, costruisce le sue opere tematizzando la figura dell'indigeno amazzonico, diventando il promotore di un vero e proprio movimento letterario chiamato indianismo.

Nelle somiglianze e differenze tra Portogallo e Brasile, Alencar riconosce la lingua nazionale e si impegna a creare dei nuovi eroi nazionali che possano fungere da modello e motivo di orgoglio per i nuovi abitanti di questa nazione.

La più famosa delle sue opere, paragonabile in Italia al romanzo manzoniano per valore letterario, è sicuramente *O Guarani,* pubblicata per la prima volta in Brasile nel 1857 all'interno del periodico *Diário do Rio de Janeiro*[31].

Il 1857 non è un anno qualunque, in quanto segna convenzionalmente l'inizio della letteratura moderna in Europa, grazie alla pubblicazione in Francia delle opere "I fiori del male" di Baudelaire e "Madame Bovary" di Gustave Flaubert. Volendo fare un confronto con i temi trattati oltremare, si può notare come quelli europei siano molto più profondi e riflessivi rispetto a quello brasiliano, il quale non parla di società borghesi corrotte o arte, ma di un giovane selvaggio e della sua nobile semplicità.

O Guarani è il primo romanzo di frontiera brasiliano, nel quale viene descritta la figura dell'indigeno, tema che interessava molto l'alta cultura brasiliana della metà del diciannovesimo secolo e che darà il nome al movimento letterario stesso.

La vicenda molto complessa e ricca di colpi di scena apre con una lunga e romantica descrizione dello scenario in cui la storia prende vita. L'anno della narrazione è il 1604, periodo durante il quale iniziò la colonizzazione portoghese, vicino alle rive brasiliane del fiume Paquequer[32]. Nel bel mezzo di questo territorio idillico e poeticamente descritto, troviamo un unico punto di riferimento per la società civilizzata, vale a dire la

[31] *O Guarani José de Alencar,* video a cura del gruppo Carecas de Saber, caricato su YouTube nel 2017, youtu.be/jNlT9OKfgu0 consultato in data 27/04/2022

[32] Ibidem.

casa di Don Antônio, uomo fidato al servizio della corona portoghese che venne ricompensato con un territorio nella colonia dopo aver contribuito con onore e lealtà alla conquista di Rio de Janeiro. In quegli anni, inoltre, il Portogallo era sotto il dominio della corona spagnola, per questo il gentiluomo aveva deciso di rimanere nel nuovo territorio e creare lì la sua corte. Don Antônio viene descritto come un modello da seguire, quello che ora definiremo un *leader,* sostenuto e rispettato dalla sua gente.

Entrano poi nella scena altre due figure contrapposte: i *bandeirantes* Álvaro e Loredano, i quali arrivano alla corte portoghese dalla selva, dopo un lungo viaggio a cavallo. Questi due giovani intrepidi erano tra quegli uomini che, all'inizio della colonizzazione del Brasile, venivano mandati in supporto con l'obiettivo di sterminare gli indigeni ribelli e gli schiavi fuggiti. Procedendo con la narrazione scopriremo che il loro compito è quello di sostenere Don Antônio nello scontro con gli Aimoré, una popolazione indigena presente nel territorio che vuole giustizia per la morte di una giovane india della tribù. La donna, infatti, era stata uccisa per errore da Don Diogo, figlio di Don Antônio, durante una battuta di caccia.

Don Antônio ha anche una figlia di nome Cecília, fulcro principale attorno alla quale ruota l'intera vicenda. Questa viene dipinta dall'autore come una delle donne angelo degli scrittori romantici parigini, cioè candida e solare, oggetto del desiderio di entrambi i *bandeirantes* e dello stesso Peri, il guaranì che nutre un amore platonico nei suoi confronti e che ha giurato di proteggerla da ogni pericolo. Questa promessa è stata sancita dopo che all'*indio* è apparsa in sogno una donna cattolica, la *santa branca*.

Peri salverà Cecília, mentre sta dormendo su di una roccia, da un attacco a sorpresa indigeno. Rimasto abbagliato dalla sua bellezza e dalla somiglianza con la figura cattolica a lui apparsa in sogno, giura a lei e al padre obbedienza e protezione.

Da quel giorno l'indigeno viene accolto alla corte di Don Antônio, nonostante l'iniziale disaccordo e ripudio di Cecília, la quale è tormentata da un incubo ricorrente: durante il sonno immagina l'arrivo di un valoroso spasimante portoghese, il quale però non riesce mai a raggiungerla perché viene anticipato da un *indio*. Questa relazione di amore-ripudio spiega perché Peri decida di soprannominare la donna *Ceci*, che in lingua guaranì significa proprio dolore.

Come ricompensa per l'appoggio offerto nello scontro contro gli Aimoré, Cecília viene promessa in sposa a Álvaro, il quale è attratto dalla giovane ma allo stesso tempo è

innamorato di un'altra figura all'interno della storia, ovvero la meticcia Isabela, dama di Ceci che successivamente la storia ci svelerà essere figlia illegittima di Don Antônio, nata dalla sua unione con una *india*.

Peri viene allontanato dalla tenuta prima dello scoppio dello scontro, perché nonostante il rapporto creatosi, viene sempre giudicato come "uno di loro". L'eroe può scegliere se combattere o arrendersi e decide di intraprendere la seconda strada, dando ancora una volta prova del suo valore e della sua devozione per Ceci. L'arresa è vista come un grande disonore per gli Aimoré, ma grazie al suo sacrificio Peri evita lo scontro e il coinvolgimento delle persone a cui tiene, sacrificandosi lui stesso e diventando ostaggio della tribù indigena. Ulteriore prova di coraggio messa in atto dall'*indio* è l'auto-avvelenamento a cui si sottopone dopo la cattura, nell'intento di sterminare l'intera tribù antropofaga, che secondo i riti locali avrebbe terminato la cerimonia banchettando con le sue carni.

La morte del protagonista sembra ormai inevitabile, ma insospettabilmente arriva in suo soccorso il valoroso Álvaro, che durante lo scontro perderà la vita trafitto da una freccia dritto nel costato. Il corpo senza vita del cavaliere verrà riportato a Don Antônio, dove assisteremo ad una scena molto romantica che ricorda la tragedia di Shakespeare: Isabela chiederà di poter piangere il corpo dell'amato da sola, con l'obiettivo di morire assieme a Álvaro e avvelenarsi bruciando delle piante mediche che rilasciano fumi tossici. Come in Romeo e Giulietta, mentre la donna muore l'uomo come per miracolo si riprende, assistendo a sua volta alla morte dell'amata.

Il finale del romanzo viene lasciato incompiuto, in quanto Don Antônio chiede a Peri di portare lontano la figlia, al sicuro. Peri per la donna è disposto a fare tutto, anche convertirsi definitamente al cristianesimo. Partono quindi con una barca, destinati a diventare i fondatori della nuova società brasiliana, ma una tormenta interromperà la navigazione. Questo finale incerto lascia spazio all'immaginazione del lettore, ma allo stesso tempo riflette questa sensazione di precarietà che l'autore percepisce sulla riuscita effettiva di questo rapporto tra coloni e *indios*.

Alencar, come vedremo ora, utilizzerà tutte le sue carte per elevare questa figura nuova e scongiurare un rapporto positivo tra le due parti. Nonostante la figura di Peri venga in parte romanzata, le descrizioni dei territori, i nomi e molti degli usi culturali riportati sono autentici, frutto di un accurato studio da parte dell'autore.

2.2 Peri: la figura dell'eroe romantico

La letteratura brasiliana del diciannovesimo secolo elegge ed eleva l'*indio* ad eroe nazionale, in quanto unica figura che può essere identificata come prodotto originale dei territori amazzonici, che sempre visse in questa terra e che lottò eroicamente contro i colonizzatori stranieri determinati a strappargliela.

I primi contatti degli europei con le culture indigene partivano già con una visione offuscata da una serie di preconcetti, paure e fantasie legate alla scoperta di queste nuove terre, che chissà potessero nascondere mostri terribili o magari anche eldoradi fantastici.

I coloni nativi erano visti come delle creature imprevedibili, in grado di suscitare allo stesso tempo interesse e timore.

Alencar osserva che, proprio a causa di questa alterità, il carattere del selvaggio brasiliano è stato "deprimido por cronistas e noveleiros, ávidos de inventarem monstruosidades para impingi-las ao leitor"[33]. Altra critica che l'autore fa nei confronti dei conterranei è il mancato riconoscimento della dignità di questi nativi, che per anni sono stati abbassati alla condizione di schiavi e bestie da lavoro.

Come abbiamo visto anche nel capitolo precedente, quando i primi portoghesi iniziarono ad organizzarsi in comunità prevalentemente agricole, cercarono tra gli *indios* e successivamente tra gli schiavi africani, la manodopera necessaria per lavorare i campi, schiavizzandoli e giustiziando tutti coloro che opponevano resistenza.

Diversamente da ciò che i coloni si sarebbero aspettati, molti indigeni preferirono la morte alla sottomissione e la cessione delle loro terre. Proprio per questo comportamento esemplare, i fondatori del nuovo Brasile videro nel rifiuto della condizione di schiavi un animo nobile, che poteva essere visto come uno dei preamboli per l'indipendenza.

Alencar, e altri scrittori dopo di lui, ci restituiranno comunque una descrizione stravolta dell'indigeno, arricchita da numerosi elementi secondari e non veritieri, tanto da renderla una figura pressoché idealizzata. Questo non toglie valore alla figura del nativo, ma lo adatta e lo rende più fruibile ad un pubblico più vasto, comprendendo anche coloro che non nutrivano curiosità per questi nuovi personaggi. Ricordiamo infatti che

[33] J.L. Jobim, *Indianismo literário na cultura do romantismo*, "Revista de Letras", 37:38(1997/1998), p.43.

l'obiettivo principale degli autori era quello di dare vita ad una letteratura nazionale, impegnata a recuperare e rivalorizzare il patrimonio indigeno portando il lettore a riconoscersi in questa figura, simpatizzando con lui e facendo propri i suoi valori.

Con l'obiettivo di creare un popolo unico all'interno di una terra altrettanto unica e nuova, con una cultura e una storia caratterizzante, Alencar ricrea leggende locali, episodi storici, ricostruisce la storia del Brasile prima dell'arrivo dei portoghesi e racconta l'incontro fra l'europeo e l'*indio*.

Gli stessi nomi indigeni che troviamo all'interno dell'opera non sono a caso, ma grazie alla solida base di conoscenza delle lingue tupì e guaranì, in quanto l'autore non vuole limitarsi a fare riferimento ad eventi storici, ma vuole includere e comprendere, seppur in una maniera abbastanza romanzata, il modo di vivere, la religione e la natura che circonda questi *indios*[34].

L'ambizione di creare una mitologia patria, frutto della ricerca della personalità nazionale, conduce il romanziere a trasportare paesaggi, figure, azioni e ambienti in una sfera storica che, se è spazio di condivisione con l'"altro" è, anche, momento di formazione dell'"io" e del "noi"[35]. L'obiettivo dell'autore è infatti quello di dar voce all'idea che ciò che è distintivo e buono riguardo la nazione è la sua capacità di unire armoniosamente elementi eterogenei e che quindi per potersi considerare totalmente brasiliani bisogna essere, in parte, orgogliosamente indigeni.

Nell'opera originaria di Alencar, caratteristica che non viene mantenuta nel film a cura di Vittorio Capellaro del 1996, Peri parla una sorta di "tarzan language", riferendosi agli altri quasi esclusivamente con le forme *tu* e *vós*. Quando fa riferimento a se stesso usa la terza persona ed espressioni molto semplici. L'autore ci dice che Peri "tinha sua linguagem tão rica e poética, com doce pronúncia que parecia ter aprendido das auras de sua terra ou das aves da floresta virgem[36]", ma nonostante il suo parlato venga descritto in maniera così poetica, è paragonato a quello di un bambino, un modo di parlare che fa quasi tenerezza. Viene giudicato da un punto di vista superiore, distanziato e critico nei suoi confronti.

---

[34] L. Marinho Antunes Paolinelli, *I nomi dei personaggi indigeni nel romanzo storico indianista di José de Alencar*, Universidade de Madeira, p.494, www.academia.edu/4938884/I_NOMI_DEI_PERSONAGGI_INDIGENI_NEL_ROMANZO_STORICO_INDIANISTA_DI_JOS%C3%89_DE_ALENCAR consultato in data 1/05/2022

[35] Ivi, pp.496-497

[36] J. de Alencar, *O Guarani,* Mogul Classic, Torrazza Piemonte, 2015, p.83.

Viene infatti visto come un eroe solamente quando agisce per conto suo, all'interno della natura selvaggia. Lì sì che è eroe nel senso più tradizionale del termine, ma basta che si avvicini ai colonizzatori e la sua figura viene sminuita, come possiamo notare da questo passaggio:

> "Enquanto falava, um assomo de orgulho selvagem da força e da coragem lhe brilhava nos olhos negros e dava certa nobreza ao seu gesto. Embora ignorante, filho das florestas, era um rei; tinha a realeza da força […] Apenas concluiu, a altivez do guerreiro desapareceu; ficou tímido e modesto; já não era mais do que um bárbaro em face de criaturas civilizadas, cuja superioridade de educação o seu instinto reconhecia"[37].

Questa timidezza e modestia che Alencar vuole trasmettere ha in realtà svolge una duplice funzione. L'indigeno rimane comunque un modello da seguire, in quanto non contaminato dalla depravazione della società occidentale consumistica[38]. Queste caratteristiche, quindi, elevano il suo status a figura eroica, di valore superiore anche a Don Álvaro[39].

L'indigeno Peri, principe dei Guaranì Goitacá nell'omonimo romanzo, viene descritto a partire dal punto di vista del narratore, il quale ci restituisce una descrizione grandiosa: Alencar lo presenta come se dovesse "sfilare" davanti ai lettori.

> Uma simples túnica de algodão, a que os indígenas chamavam, aimará, apertada à cintura por uma faixa de penas escarlates, caía-lhe dos ombros até ao meio da perna, e desenhava o talhe delgado e esbelto como um junco selvagem […]. Sobre a alvura diáfana do algodão, a sua pele, cor de cobre, brilhava com reflexos dourados[40].

Iniziando dall'abbigliamento, viene caricato di una veste quasi religiosa, in quanto indossa una camicia bianca di cotone, la quale ricorda più una figura occidentale che un abitante della foresta amazzonica. Il segno distintivo che ci fa capire invece che si tratta di un nativo è l'accessorio piumato della cintura, indossato anche dagli Aimoré[41]. Viene enfatizzato anche il contrasto tra il bianco candido della tunica e il colore ambrato e lucente della carnagione dell'*indio*.

---

[37] J. de Alencar, *O Guarani, cit.,* p.22.

[38] P. Farinaccio, *O problema do herói brasileiro: o Guarani na literatura e nos quadrinhos,* "Caderno de Letras da UFF - Dossiê: literaturas de língua Portuguesa em diálogo", 25:50(2015), p.18.

[39] J. Andrews, *Carlos Gomes' Il Guarany: The Frontiers of Miscegenation in Nineteenth-Century Grand Opera*, "Portuguese Studies", 16(2000), p.34.

[40] J. de Alencar, *O Guarani,* cit., p.22.

[41] *O Guarani José de Alencar,* video cit.

I tratti del corpo sono resi dall'uso di aggettivi come *delgado* e *esbelto,* i quali contribuiscono a formare una visione positiva dell'*indio*, evocando l'idea di un corpo proporzionato, elegante e prestante.

Col proseguire della narrazione, l'eroe verrà raffigurato come un titano dalle incredibili abilità atletiche che gli permettono di muoversi agilmente all'interno del suo habitat. Viene menzionata anche la sua capacità di combattimento, al pari se non superiore a quella dei gentiluomini portoghesi.

Peri viene inoltre descritto come un uomo dai forti valori morali, impegnato a mantenere alto il suo onore, ma che allo stesso tempo è pronto ad immolarsi come un agnello per Cecília*,* l'erede portoghese figlia di Don Antônio alla quale lui è totalmente devoto[42].

Contrariamente a quello che era l'immaginario collettivo del tempo, *Peri* non viene raffigurato come una figura violenta, cannibale o antropofaga, in quanto una tale descrizione avrebbe portato il lettore a non simpatizzare per lui. Al contrario, José de Alencar cerca di creare queste vicinanze tra il lettore e Peri proprio perché vuole che trasmetta un senso di appartenenza, la sensazione che all'interno di ogni brasiliano viva inconsciamente un piccolo *indios*. Questo concetto viene sottolineato più volte dall'autore il quale crede fermamente nel fatto che "every brazilian, even the whitest, blondest, has in his soul and in his body the shadow, or at least the hint of Indian or negro"[43].

Il contatto così stretto che si era instaurato tra i coloni e gli *indios*, i quali vivevano insieme nelle *aldeias*, spazi delimitati dentro ai quali i due gruppi vivevano a stretto contatto, sicuramente non aiutò Alencar a creare una visione chiara della figura del selvaggio, ma portò l'autore a descriverlo come il selvaggio di Rousseau, vale a dire "pieno di bontà naturale, distante dal mondo osservato e frutto dell'esperienza che proviene dalla convivenza"[44].

Nonostante Alencar sostenga che la sua prosa sia innovativa, rende omaggio e cita alcuni di quelli che furono i suoi modelli, tra i quali ricordiamo Hugo, Balzac, Scott e Cooper, dai quali erediterà lo stile poetico e i numerosi riferimenti all'esotismo. Conferma

---

[42] J. Andrews, *Carlos Gomes' Il Guarany: The Frontiers of Miscegenation in Nineteenth-Century Grand Opera*, cit., p. 27.

[43] R.R. Mautner Wasserman, *The Red and the White: The "Indian" Novels of José de Alencar,* "PMLA", 98:5(1983), p.816.

[44] L. Marinho Antunes Paolinelli, *I nomi dei personaggi indigeni nel romanzo storico indianista di José de Alencar*, cit., p.496.

della sua unicità, secondo l'autore sta in alcuni elementi caratterizzanti del suo stile, come l'eliminazione del finale tragico che possiamo trovare invece in *The Last of the Mohicans* di James Fenimore Cooper, dove assistiamo al funerale dell'eroe indiano, Uncas, che viene pianto dal padre Chingachgook, ormai rimasto "l'ultimo dei Mohicani".

Nel prossimo e ultimo capitolo verranno analizzate le varie differenze e i punti di contatto tra queste due opere americane contemporanee, ma inserite in due contesti sociali differenti.

4

DUE OPERE A CONFRONTO: «L'ULTIMO DEI MOHICANI» E «O GUARANI», SOMIGLIANZE E DIFFERENZE

4.1 *The Last of the Mohicans*: il romanzo storico di J. Fenimore Cooper

Come abbiamo visto nel capitolo precedente, negli anni di Alencar assistiamo ad una rivalutazione e valorizzazione del mondo selvaggio e della natura inesplorata. Questa tendenza nasce da un tentativo di riproporre il modello classico dei miti greci, i quali erano caratterizzati da un'attenzione particolare verso la natura e i suoi cambiamenti nel corso del tempo.

Oltre ad Alencar, altri autori come Rousseau, Scott e Cooper avevano risvegliato questo senso di valorizzazione, inserendo nelle loro opere lunghe descrizioni dell'ambiente circostante, con l'obiettivo di creare un'immagine così chiara e dettagliata affinché suscitasse nel lettore l'impressione di essere parte integrante del racconto.

L'unicità e l'originalità di queste storie sta proprio nel vedere come coloro che erano visti come primitivi hanno ora la meglio sui colonizzatori, in quanto conoscono il territorio e si muovono con più agilità al suo interno. Al contrario, i soggetti che siamo abituati a vedere come più civilizzati, risultano impacciati e a fatica riescono ad integrarsi nella natura selvaggia[45].

Il primo libro di Cooper, *The Last of the Mohicans*, venne scritto seguendo quelle che erano le mode del momento, con una tendenza quindi al sentimentalismo, alle figure deboli e bisognose di protezione contrapposte ai personaggi maschili che solitamente ricoprono posizioni di comando. Gli uomini, infatti, vengono raffigurati come virili e coraggiosi, rabboccanti di cavalleria nei confronti della donna bianca.

[45] G. Clark, The Last of the Mohicans, "The Journal of Education", 55:18(1902), p. 281.

I romanzi cavalleresti non sono più in voga, ma questa rivisitazione del genere sviluppatasi nel 1800 riscuote molto successo: ai duelli tra cavalieri vengono sostituiti quelli tra indiani e coloni. Cooper nel suo racconto cercherà di dimostrare al lettore che la cavalleria non è un valore solamente occidentale, appartenente a nobili e cavalieri, ma al contrario è un valore che può appartenere anche ad una persona comune, in questo caso, ad un selvaggio[46].

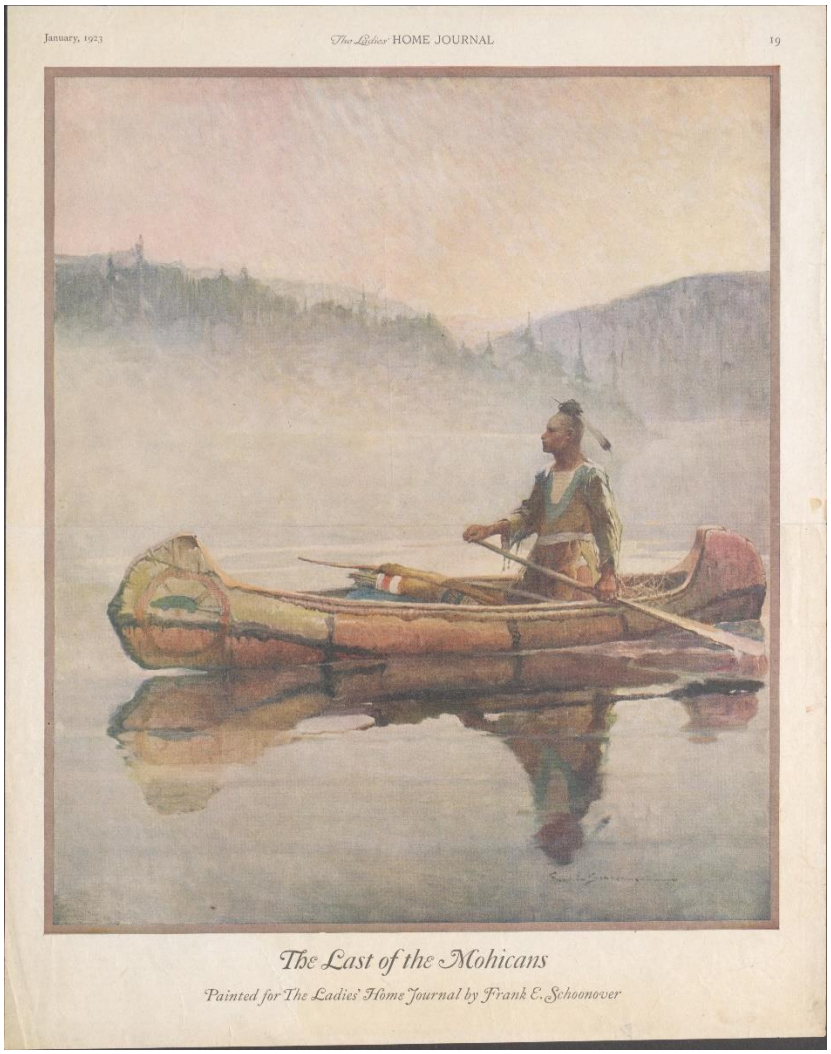

Figura 4: Schoonover F.E., The Last of the Mohicans.

La letteratura brasiliana del diciannovesimo secolo elegge ed eleva l'*indio* ad eroe nazionale, in quanto unica figura che può essere identificata come prodotto originale dei

[46] G. Clark, The Last of the Mohicans, cit., p. 281-282.

territori amazzonici, che sempre visse in questa terra e che lottò eroicamente contro i colonizzatori stranieri determinati a strappargliela.

Allo stesso modo, anche le terre nordamericane vengono rappresentate come un mix caotico e di selvaggi e civilizzati, pellerossa e bianchi[47]. I coloni nativi erano visti come delle creature imprevedibili, in grado di suscitare contemporaneamente interesse e timore.

L'Ultimo dei Mohicani, l'opera più famosa di Cooper, venne scritta nel 1826 e fa parte della collezione delle *Leatherstocking Tales*, composte dal 1823 al 1841, inserite nella categoria *wilderness novels*.

È ambientata nel 1757, nell'area di *No-man* nello stato di New York, durante il terzo anno di scontro tra l'esercito inglese e quello francese. Una soffiata ha rivelato agli inglesi che una delle truppe del capitano delle forze francesi, il Marquis de Montcalm, si sta dirigendo verso sud, in direzione del forte inglese William Henry, situato nei pressi del Lago Horicon e sotto il comando del colonnello Munro.

Munro decide così di chiedere rinforzi ad un altro fronte inglese, Front Edward, e di mandare proprio lì le sue due splendide figlie, Cora e Alice, accompagnate dal maggiore Duncan Heyward. Accompagnati dalla guida indiana Magua e raggiunti in un secondo momento dal salmista ed insegnante di inni religiosi David Gamut, la carovana si mette in viaggio.

Intanto a poca distanza dal forte, in mezzo alla foresta, vengono descritti due uomini: l'indiano Chingachgook, ricoperto da disegni di guerra e armato di tomahawk, e Hawkeye. Un muscoloso uomo bianco che, nonostante non sia di sangue indiano, viene trattato dal saggio Chingachgook come un figlio. Hawkeye si definisce "the man without a cross", per sottolineare la sua non osservanza della religione cristiana: indossa una maglia verde foresta e un *coonskin cap* tipicamente indiano. I due stanno discutendo sull'eredità di quella terra e su chi dovrebbe cadere, quando entra in scena Uncas, figlio di Chingachgook, ultimo erede della tribù dei Mohicani.

Poco dopo la carovana inglese incontra i tre nella foresta, i quali li avvertono che la direzione che stanno prendendo per raggiungere la loro destinazione è sbagliata.

---

[47] M. D. Butler, *Narrative Structure and Historical Process in the Last of the Mohicans*, "American Literature", 48:2(1976), p.121.

Nel momento in cui Hawkeye chiede di poter parlare con la guida, questo scappa all'interno della foresta. Saranno quindi Chingachgook, Uncas e Hawkeye ad accompagnare il gruppo a destinazione, non prima però di aver chiesto di attraversare in assoluto silenzio, vista la pericolosità del territorio, popolato da indiani nemici.

Molte ore dopo il gruppo decide di attraversare un fiume ed accamparsi dentro una grotta situata sotto la cascata. Durante la cena risulta chiaro l'interesse di Uncas nei confronti di Cora, la più scura tra le due meravigliose sorelle. Cora, infatti, è la più grande tra le figlie di Munro, nata dal primo matrimonio del colonnello con una donna nativa, che le ha trasmesso un carattere forte e una predilezione maggiore verso gli indiani rispetto agli europei; infatti, anche da parte sua c'è un interesse e nei confronti del giovane mohicano.

La mattina dopo, proprio mentre stanno per lasciare la grotta, vengono attaccati dalla tribù di Magua. Gamut viene colpito, ma viene messo in salvo dal maggiore Hayward. La vittoria dello scontro sembra in mano alla carovana accompagnata dai mohicani, fino a che Hawkeye finisce la polvere da sparo e i suoi proiettili.

Secondo le leggi indiane, il gruppo di indiani sconfitti viene giustiziato con lo scalpo. Cora, per salvare i tre mohicani, li convince a scappare e lasciare che lei, insieme la sorella e agli accompagnatori, vengano presi come ostaggi.

Si scoprirà che l'obbiettivo della falsa guida era in realtà quello di prendere Cora in moglie, non per amore ma per vendetta del suo stesso padre che, come molti altri indiani all'epoca, era stato per anni servo del generale Munro. Grazie alle tracce lasciate dalle ragazze lungo il cammino, i tre indiani riescono a trovare gli ostaggi, che nel frattempo sono stati legati e torturati, ma ancora una volta Magua riesce a scappare.

Il gruppo prosegue quindi il travagliato viaggio, fino a quando non riesce ad entrare in territorio francese, aggirare una sentinella ed arrampicarsi fino in cima ad una montagna, dalla quale riuscirà finalmente a vedere il forte dove si trova il generale Munro.

Il forte è in difficoltà, in quanto non sono ancora arrivate le truppe richieste e l'unica alternativa sembra quella di scendere a compromessi con il generale francese, che li costringe invece a ritirarsi. Mentre gli abitanti del forte si stanno allontanando, assistiamo alla scena più cruenta del romanzo: un indiano della tribù di Magua, alleato dei francesi, strappa un bambino dalle mani della madre facendogli sbattere la testa su una pietra, successivamente uccide anche la donna con il suo tomahawk. A quel punto

Magua lancia un segnale di guerra che scatena un vero e proprio massacro. Nella confusione Alice sviene e viene portata via da Magua, inseguito da Cora e Gamut. Per tre giorni Hawkeye, Munro e Heyward sono convinti che le donne e Gamut siano stati uccisi, fino a che, ritornando sulla scena del massacro, scoprono delle tracce che confermano invece che i tre sono ancora vivi.

Ancora una volta, grazie all'aiuto di Uncas, i tre riescono a trovare tracce riconducibili agli ostaggi. Una volta ritrovata Alice, scoprono che Cora è stata mandata presso la grandiosa tribù dei Delaware, dove nel frattempo sta avvenendo un concilio per decidere le sorti degli ostaggi.

Il patriarca dei Delaware, Taman'am, aveva quasi deciso di lasciare a Magua gli ostaggi, ma dopo aver avuto prova dell'intelligenza e destrezza di Uncas e Hawkeye, sancisce il suo sostegno per i mohicani.

Magua, nel frattempo, è nuovamente scappato nella foresta, coperto dagli Huron e portando con sé Cora. La scena finale del romanzo è molto violenta e tragica: la giovane si ribellerà al suo sequestratore, interverrà Uncas che verrà immediatamente assalito dagli Huron. Sarà proprio uno di questi che, in un momento di confusione, colpirà a morte Cora. Uncas, distratto dalla scena, verrà colpito da Magua, ma con l'ultima forza che gli rimane riuscirà ad uccidere l'assassino dell'amata. L'opera chiude con l'uccisione di Magua da parte di Chingachgook, che però ora piange la morte del suo unico figlio ed erede, rimanendo da solo, l'ultimo dei mohicani.

È possibile notare come siano numerose in questa storia le vicende parallele all'opera brasiliana di Alencar, per questo è interessante fare un'analisi più approfondita.

4.2 Confronto letterario e stilistico tra *l'Ultimo dei Mohicani* e *Il Guaranì*

Le opere precedentemente citate hanno interessanti punti di contatto, nonostante l'ambientazione e il trascorso dei due autori sia diverso.

Sia le terre nordamericane che quelle sudamericane vengono rappresentate come un mix caotico e di selvaggi e civilizzati, pellerossa e bianchi[48].

Queste due opere si distinguono da tanti altri libri scritti sugli indiani in quanto non li cataloga come selvaggi e incivili di fronte alla civiltà dell'uomo bianco, ma li divide

[48] M. D. Butler, *Narrative Structure and Historical Process in the Last of the Mohicans*, "American Literature", cit., p.121.

in “buoni” e “cattivi”[49]. Gli usi e i costumi delle tribù sono giustificati, spiegati e rispettati, sia che si tratti di vendetta nei confronti dell’uccisione di una giovane Aimoré, sia che si tratti di usanze come lo scotennamento o lo scalpo degli Huron. È importante sottolineare che anche gli indiani come Magua o gli Aimoré antropofagi, nonostante ricoprano la figura degli antagonisti nel racconto, non vengono mai presi di mira come cattivi, ma il loro comportamento viene sempre giustificato. Infatti, le loro usanze vengono spiegate dall’autore, in particolare comportamenti come l’interesse per il proprio tornaconto personale e il desiderio di fama, la passione per la violenza e per l’alcool, vengono categorizzati come vizi instillati dai colonizzatori bianchi.

Nel secondo capitolo dell’opera di Cooper sentiamo per la prima volta parlare Magua, con un inglese molto corretto e che ricorda quasi un monologo precedentemente preparato, non spontaneo, caratterizzato dall’anafora “even so”.

> Even so […] I heard you are riding to William Henry; as I am journeying thitherward myself, I concluded good company would seem consistent to the wishes of both parties […] Even so. The first point to be obtained is to know one’s own mind. Once sure of that – and where women are concerned it is not easy – the next is to act up to the decision. I have endeavoured to do both, and here I am. […] Even so […] I have tarried at “Edward” a week, and I should be dumb not to have inquired the road I was to journey; and if dumb, there would be an end to my calling[50].

In contrapposizione a Magua, come abbiamo già accennato nei capitoli precedenti, Peri parla un portoghese che possiamo definire “tarzan language”, seguendo costruzioni molto semplici e non sempre del tutto corrette, che fanno breccia nel cuore di Ceci e contribuiscono nel far passare la figura di Peri come una buona e umile, che non può non farci simpatizzare per lui.

Come Cooper, anche Alencar adotta una serie di strategie per rappresentare in maniera più realista possibile l’approccio di questi nativi con la lingua dei colonizzatori. Un esempio possiamo trovarlo al capitolo dieci, durante un dialogo tra lui e la giovane donna:

> - Quando Ceci acha bonita uma flor, Peri não vai buscar? Perguntou o índio.

---

[49] E per tutti.com, *Relazione L’ultimo dei Mohicani*, www.epertutti.com/letteratura/Relazione-Lultimo-dei-Mohicani55532.php, visitato in data 12/06/2022.

[50] J. de Alencar, *O Guarani,* cit., p.22.

- Vai, sim.
- Quando Ceci ouve cantar o sofrer, Peri não o vai procurar?
- Que tem isso?
- Pois Ceci desejou ver uma onça, Peri a foi buscar.
Cecília não pôde reprimir um sorriso ouvindo esse silogismo rude, a que a linguagem singela e concisa do índio dava uma certa poesia e originalidade[51].

In un'epoca dove la visione del selvaggio era quella di un essere inferiore, con un lessico limitato che al massimo gli consentiva di formare frasi con semplici metafore e qualche analogia, i due autori non solo sottolineano queste differenze per celebrare la diversità linguistica, ma sfruttano questo fattore culturale per sottolineare anche il concetto intellettuale e politico all'interno del quale si trovano[52].

I nativi vengono descritti sia mentre "suonano la musica del loro linguaggio", in quanto agli occhi dei colonizzatori queste parole incomprensibili venivano percepite come suoni che compongono una melodia, sia mentre comunicano con i rispettivi colonizzatori.

Il missionario John Heckewelder, stimato ed ammirato da Cooper, non descrive le lingue native come versi, ma gli attribuisce una grande importanza, definendole *complex social construct.* Sostiene questa teoria riportando l'analisi di una parola in particolare, di origine per l'appunto nativa, che è *Wulamalessobalian.* La traduzione più accurata per questa espressione è una frase di sei parole: "thou who makes me happy". Come sostiene anche Duponceau, la versione nativa rende molto meglio questa idea di amante, amato e passione che si mescolano insieme in un'unica espressione, rispetto a queste sei parole che lentamente si susseguono una all'altra,[53].

Analizzando ora il modo di comunicare di Uncas, ci rendiamo conto che è molto fedele a quello che solitamente ci propone anche la cinematografia western americana. Il tono degli indiani è sempre descritto come solenne, quella che Cooper definisce "l'arte dell'eloquenza nativa"[54]. Nonostante Uncas sia un ragazzo giovane, la sua dialettica paragonabile a quella di un saggio capo tribù, piena di riferimenti alla flora e fauna del territorio come possiamo vedere nel seguente passaggio:

---

[51] J. de Alencar, *O Guarani,* cit., p.47.
[52] L. Rosenwald, *The Last of the Mohicans and the Languages of America,* "College English", 60:1(1998), p.11.
[53] Ibidem.
[54] Ivi, p.10, "The art of native eloquence" (traduzione mia).

> We will go, said Uncas […] To the Tortoises; they are the children of my grandfathers. […] The Huron are boasters, said Uncas scornfully; their "totem" is a moose, and they run like snails. The Delawares are children of the tortoise, and they outstrip the deer[55].

A questo punto non possiamo che accennare anche un altro grande tema trattato da entrambi gli autori in maniera simile ma con sfumature diverse, cioè quello della natura.

Essa viene dettagliatamente descritta e dipinta con realismo, tanto da infastidire alcuni critici letterari e lettori, che hanno giudicato queste descrizioni come troppo lunghe e invadenti all'interno del romanzo. È importante ricordare che queste descrizioni hanno un duplice obiettivo: da una parte permette a coloro che non hanno mai avuto modo di visitare quei territori di potersi immergere nella narrazione, così da seguire le vicende con ulteriore trasporto, dall'altra hanno anche il compito di dimostrare e sfoggiare l'enciclopedica conoscenza degli autori in diversi campi. Alencar, ad esempio, non era solo uno scrittore ma anche un rispettabile biologo e ce lo dimostra inserendo nomi specifici di piante locali, come ad esempio il *cajueiro-bravo*[56], una pianta conosciuta e utilizzata dagli indigeni per i suoi poteri medicinali. La troveremo infatti nel capitolo quattro, quando lo stesso Peri la utilizzerà per risvegliare la tigre che aveva cacciato.

La descrizione dell'ambiente circostante, dei fiumi che attraversano le foreste e della villa di Don Antônio de Mariz, occupa tutto il primo capitolo del romanzo. Sin dall'inizio sappiamo che ci troviamo nel territorio della *Serra dos Órgãos*, dove il fiume *Paquequer* scorre sereno.

> A vegetação nessas paragens ostentava outrora todo o seu luxo e vigor; florestas virgens se estendiam ao longo das margens do rio, que corria no meio das arcarias de verdura e dos capitéis formados pelos leques das palmeiras. Tudo era grande e pomposo no cenário que a natureza, sublime artista, tinha decorado para os dramas majestosos dos elementos, em que o homem é apenas um simples comparsa[57].

Se questa descrizione ci dà l'idea di essere in un luogo quasi idillico, la descrizione dei luoghi fornita da Cooper prende invece un taglio più cupo. La natura è vista quasi come un ingranaggio difficile da decifrare, un luogo ostile

---

[55] J. Fenimore Cooper, *The Last of the Mohicans*, cit., p.255.
[56] J. De Alencar, *O Guarani*, cit., p. 25.
[57] Ivi, p.11.

che può essere compreso solo dai nativi o da quegli europei che, considerati ormai veterani, hanno avuto la pazienza e il coraggio di affrontarlo.

> A wide and apparently an impervious boundary of forests severed the possession of the hostile provinces of France and England. The hardy colonist, and the trained European who fought at his side, frequently expended months in struggling against the rapids of the streams or in affecting the rugged passes of the mountains, in quest of an opportunity to exhibit their courage in a more martial conflict. But emulating the patience and self-denial of the practised native warriors, they learned to overcome every difficulty […][58].

Sia che venga vista come un paradiso terrestre o come una foresta intricata, entrambe le opere concordano sul presentarla come una realtà disturbata dalla presenza dei colonizzatori, che con il loro arrivo le hanno tolto l'equilibrio originale.

Il nativo è l'unica persona realmente in grado di conviverci rispettandola e usandola a suo favore senza danneggiarla.

Il nativo per eccellenza attorno al quale i due romanzi si articolano è l'eroe che, come abbiamo già detto, è una figura dalla ricchezza spirituale e non materiale. Entrambi vengono infatti raffigurati come giovani e snelli, vestiti in abiti tradizionali e padroni della natura che li circonda. Paragonati ai loro coetanei occidentali, vengono descritti come molto più saggi e maturi, tanto da essere riconosciuti e stimati anche dagli anziani, considerati le figure più potenti e sagge della tradizione indiana.

Se a primo impatto la versione americana dell'eroe brasiliano sembrerebbe essere Uncas, data la sua discendenza e il ruolo di rilievo che gli viene attribuito all'interno dell'opera, andando a scavare più a fondo è necessario tenere in considerazione un dettaglio importante.

[58] J. Fenimore Cooper, *The Last of the Mohicans*, cit., p.1.

Se pensiamo alla descrizione che Alencar fa di Peri e alla visione portoghese del "perfetto abitante" della colonia portoghese, il meticcio, possiamo tranquillamente paragonare Peri ad Hawkeye.

Peri è stato in qualche modo "occidentalizzato" dall'autore, che lo raffigura con

Figura 5: Hawkeye e Chingachgook dal film The Last of the Mohicans (1977)

una camicia bianca di lino, oltre che al copricapo piumato. Proprio questo dettaglio ci rende più facile paragonare questi due personaggi.

Hawkeye, soprannominato occhio di falco, è la figura più adatta a vivere in quei luoghi, in quanto rappresentante sia del mondo occidentale che di quello indiano. Se Peri veste come un occidentale e successivamente si converte al cristianesimo, nell'opera di Cooper assistiamo al passaggio contrario: Hawkeye è infatti figlio di coloni bianchi, ma

è stato educato e cresciuto dai Mohicani. Non si riconosce come cristiano ma vive seguendo e imparando da Uncas e Chingachgook quelli che sono i valori e costumi indiani, rispettando la natura e sfuggendo dalla civiltà. L'unico elemento che lo tiene comunque legato alle sue origini, oltre ai tratti occidentali, è la destrezza con la quale è in grado di usare armi a polvere da sparo, come fucili e pistole.

Conclusioni

> Language is the key to inclusion. Language is at the centre of human activity, self-expression and identity. Recognizing the primary importance that people place on their own language fosters the kind of true participation in development that achieves lasting results[59].

Através da minha tese quis sublinhar e dar voz a uma parte importante da herança brasileira, ou seja, a das populações nativas. Os povos dos territórios amazónicos têm um caráter forte e determinado, que deseja dar voz à sua cultura, à sua língua e aos seus costumes: serão estes os aspetos fundamentais no processo de autodeterminação.

Através de inúmeras dificuldades, de compromissos e sacrifícios, os indígenas ganharam o reconhecimento literário de Alencar, que os define como sendo cavalheiros e grande exemplo de resistência. Da mesma forma, Cooper na famosa obra *The Last of the Mohicans*, reconhece a importância da população nativa norte-americana, descrevendo os seus habitantes como homens que, ao contrário dos ocidentais, estão livres de vícios e corrupção.

É graças aos nativos que podemos ver como os valores como respeito, honra e preservação da identidade devem ser cumpridos, também através do uso da língua nativa.

Geralmente estamos acostumados a ver os nativos como figuras importantes apenas do ponto de vista da preservação da natureza ou como guias locais do território. Mas os nativos não são apenas isso.

O tema da linguagem nativa era um tema tão forte e importante que se tornou num grande obstáculo para os colonizadores, os quais intuíram que era um dos valores mais importantes e característicos da cultura indígena; isso levou-os a tentar limitá-la através de inúmeras restrições e reformas, como aconteceu, por exemplo, durante o período pombalino.

---

[59] UNESCO, *Why Language Matters for the Millennium Development Goals*, Bangkok, 2012.

Os Guaranis conservam-na com zelo, continuando a falá-la e a transmiti-la de geração em geração, mesmo quando esta foi proibida durante o momento mais alto de controle dos portugueses sobre a colônia em 1700.

Sem nunca cair no fanatismo, esses povos conseguiram excitar a fantasia de muitos autores através da sua resistência silenciosa e a vontade de não se curvarem perante um sistema mais forte do que eles. Os colonos portugueses e norte-americanos gostariam de vê-los subjugados, mas, pelo contrário, Alencar e Cooper mostraram que o maior modelo de civilização, e especialmente o mais eficaz, é aquele em que mais comunidades contribuem juntas, ensinando e ajudando-se umas às outras, aprendendo entre si quais comportamentos são mais adequados para diferentes situações.

A língua desempenha um papel fundamental, pois é aquela que permite o diálogo e o encontro entre essas diferentes realidades. A língua Brasílica, utilizada ao princípio para a comunicação entre nativos e colonos, tinha nuances diferentes: um religioso falaria ou escreveria com uma língua cheia de referências à religião, ao contrário de um índio que, muito provavelmente teria tentado trazer de volta alguma analogia entre a sua maneira de se mover e um elemento natural da floresta que o rodeia.

Na literatura é importante enfatizar essas diferenças, feitas pelos autores através do uso diferente da linguagem dos seus personagens: a língua em que a história é contada é a mesma ao longo dos romances, mas através de algumas estratégias conseguimos mergulhar na história e dar uma nuance e um sotaque diferente a cada um dos personagens.

A grandeza dos autores reside em ser capazes de criar um herói nacional usando uma figura que intrigava, mas ao mesmo tempo assustava.

Estes romances de aventura "romântica" são ambientados em paisagens naturais de grande beleza, com personagens de grande carga humana e evocativa, tornam-se lições de vida, mantendo-se sempre atuais.

É fascinante ver como esses dois mundos tão diferentes são ao mesmo tempo complementares, igualmente necessários dentro de uma nação ainda jovem, como o Brasil e os Estados Unidos da América.

Bibliografia

- Butler M. D., *Narrative Structure and Historical Process in the Last of the Mohicans*, "American Literature", 48:2(1976), pp. 117-139.
- Cabral A.S.A.C., Martins A.M.S., da Silva B.C.C., de Oliveira S.C.S., *A linguística histórica das línguas indígenas do Brasil, por Aryon Dall'Igna Rodrigues: perspectivas, modelos teóricos e achados*, Scielo Brasil, Delta, 2014.
- Cássio Pinheiro Prudente G., *Ler e copiar, ouvir e registrar: um dicionário jesuítico como instrumento de aprendizado da língua geral na Amazónia setecentista*, "Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi", 10:3(2015), pp. 641-657.
- Clark G., *The Last of the Mohicans*, "The Journal of Education", 55:18(1902), pp. 281-282.
- Derbyshire D.C., *Morphosyntactic Areal Characteristics of Amazonian Languages*, "International Journal of American Linguistics", 53:3(1987), pp. 311-326.
- Drumond Mendes Barros M.C., *A política de estandardização da língua geral na Amazônia no período colonial*, "Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana", 1:3(2004), pp. 23-54.
- Frühauf Garcia E., *O projeto pombalino de imposição da língua portuguesa aos índios e a sua aplicação na América meridional*, "Dossiê: Os índios na História: abordagens interdisciplinares", 12:23(2007), pp.23-38.
- Greenberg J., *Some Universals of Grammar with Particular Reference to the Order of Meaningful Elements. In Joseph Greenberg*, *Universals of Language*, London, MIT Press, 1963, pp.40-70.
- Jobim J.L., *Indianismo literário na cultura do romantismo*, "Revista de Letras", 37:38(1997/1998), pp.35-48.
- Mautner Wasserman R.R., *The Red and the White: The "Indian" Novels of José de Alencar*, "PMLA", 98:5(1983), pp. 815-827.
- Ramos J. Martins, Pinto Venâncio R., *Abismo ou continuidades? Polêmicas sobre o tupi pré-colonial e a língua geral disseminada pelos jesuítas*, "História, Ciências, Saúde-Manguinhos" 12:2(2005), pp.581-583.
- Ribamar Bessa Freire J., *Da língua geral ao português: para uma história dos usos sociais das línguas na Amazônia*, Rio de Janeiro, Uerj, 2003.
- Ribamar Bessa Freire J., *Rio Babel A história das línguas na Amazônia*, Rio de Janeiro, Ed Uerj, 2011.
- Rosenwald L., *The Last of the Mohicans and the Languages of America*, "College English", 60:1(1998), pp. 9-30.
- UNESCO, *Why Language Matters for the Millennium Development Goals*, Bangkok, 2012.

Illustrazioni

- Figura 1: Langfocus, *The Guarani Language*, https://www.youtube.com/watch?v=KasZVQ8YMq4, visionato in data 13/03/2022.
- Figura 2: Figueira Padre Luiz, *Arte de Gramática da Língua Brasílica*, Lisboa, 1687, https://www.academia.edu/42847207/Arte_de_grammatica_da_lingua_brasilica_Luiz_Figueira visionato in data 23/03/2022.
- Figura 3: Bellermann F., *Native Guaraní with Bow and Arrow*, Kupferstichkabinett, Berlino, 1842-1845, http://www.smb.museum/smb/home/index.php?lang=de, visionato in data 13/05/2022.
- Figura 4: Schoonover F., *The Last of the Mohicans*, Washington University, St. Louis, 1179, https://jstor.org/stable/community.19066987 . visionato in data 24/05/2022.
- Figura 5: Conway J.L., *The Last of the Mohicans*, film completo disponibile al seguente link: https://www.youtube.com/watch?v=TAZgmPvDtKY, New York, 1977, visionato in data 20/05/2022.

Sitografia

- *O Guarani José de Alencar*, https://youtu.be/jNlT9OKfgu0, consultato in data 27/04/2022.
- *Relazione L'ultimo dei Mohicani*, https://www.epertutti.com/letteratura/Relazione-Lultimo-dei-Mohicani55532.php, consultato in data 12/06/2022.
- Langfocus, *The Guarani Language*, https://www.youtube.com/watch?v=KasZVQ8YMq4, consultato in data 13/03/2022.
- Marinho Antunes Paolinelli L., *I nomi dei personaggi indigeni nel romanzo storico indianista di José de Alencar*, Universidade de Madeira, https://www.academia.edu/4938884/I_NOMI_DEI_PERSONAGGI_INDIGENI_NEL_ROMANZO_STORICO_INDIANISTA_DI_JOS%C3%89_DE_ALENCAR, consultato in data 1/05/2022.

Ringraziamenti

Mi è doveroso dedicare questo spazio del mio elaborato alle persone che, con il loro supporto, hanno contribuito alla realizzazione dello stesso. I numerosi intoppi hanno reso questo percorso più difficile del previsto, ma allo stesso tempo hanno reso il traguardo ancora più speciale.

In primis, un ringraziamento speciale alla mia relatrice, la dott.ssa Gomes de Pina, per la sua immensa pazienza, infinita disponibilità e tempestività ad ogni mia richiesta. Grazie per avermi saputa guidare durante tutto il percorso di stesura dell'elaborato.

Ringrazio infinitamente la mia famiglia, i miei fratelli e i miei genitori. Grazie per sostenermi da sempre e per avermi incoraggiato a portare a termine anche questa sfida. Avete avuto la pazienza di subirvi tutti i miei momenti di sconforto e siete sempre riusciti a trovare le parole giuste per spronarmi a fare del mio meglio, questo traguardo è anche vostro.

Un ringraziamento va anche alla nonna Luciana, per avermi messo a disposizione un'aula studio personale, con tanto di caffè e brioche a metà mattina. Alla zia Nico, per avermi dato spunti preziosi per la tesi e per avermi insegnato che, nel dubbio, è sempre meglio "sollecitare" e mandare un'altra mail. Ringrazio anche i nonni Antonio e Daniela per tutti i rosari recitati e le chiamate dopo ogni esame superato.

Un grazie di cuore va anche alle mie colleghe Jenny e Gloria, con le quali ho condiviso gioie e fatiche. Siete state delle persone speciali, dentro e fuori dall'università.

Un grazie particolare va anche a tutti i miei amici, in particolare alla mia amica Aurora e ai colleghi della gelateria Filippo, Giorgia, Letizia e Carla, per avermi sostenuta anche durante questa ultima fase del mio percorso di studi. Grazie per essere stati miei complici, ognuno a suo modo, di questo percorso intenso ed entusiasmante. Non tutti hanno la fortuna di essere circondati da persone belle quanto voi, grazie di cuore.

Infine, dedico questa tesi a me stessa, ai miei sacrifici e alla mia tenacia che mi hanno permesso di arrivare fin qui. Mi ha insegnato a non accontentarmi ma andare fino in fondo, a muovermi da sola e a non aver paura di fare troppo rumore.

Che questa sia solamente la prima tappa di questo meraviglioso progetto che è la vita.

Alastro, venço, chego e ultrapasso.